

ARTIGO

A MISOGINIA MEDIEVAL REINVENTADA: A AVERSÃO AO FEMININO NA SOCIEDADE BRASILEIRA DE DEFESA DA TRADIÇÃO, FAMÍLIA E PROPRIEDADE (TFP)

THE REINVENTED MEDIEVAL MISOGYNY: THE AVERSION TO FEMENINE IN BRAZILIAN SOCIETY DEFENDING TRADITION, FAMILY AND PROPERTY (TFP)

ANDRÉ PIZETTA ALTOÉ*

RESUMO

Este artigo demonstra como a misoginia ou a aversão ao feminino foi um dos traços marcantes do catolicismo ultraconservador representado neste trabalho pela Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), fundada em 26 de julho de 1960 pelo então professor de História da Civilização e de História Moderna e Contemporânea da Universidade Católica de São Paulo, Plínio Corrêa de Oliveira. **PALAVRAS-CHAVE:** Misoginia; Catolicismo Conservador; Tradição, Família e Propriedade (TFP).

ABSTRACT

This article demonstrates how misogyny or feminine aversion was one of the defining features of ultraconservative Catholicism represented in this work by the Brazilian Society for the Defense of Tradition, Family and Property (TFP), founded on July 26, 1960 by professor of History of Civilization and Modern and Contemporary History of the Catholic University of São Paulo, Plínio Corrêa de Oliveira.

KEYWORDS: Misogyny; Conservative Catholicism; Tradition, Family and Property (TFP).

Este artigo demonstra a misoginia ou aversão ao feminino como um dos traços marcantes do catolicismo ultraconservador e de direita representado neste trabalho pela Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), fundada em 26 de julho de 1960 pelo então professor de História da Civilização e de História Moderna e Contemporânea da Universidade Católica de São Paulo, Plínio Corrêa de Oliveira. A TFP teve na época de sua fundação o apoio dos bispos D. Antônio de Castro Mayer (Campos dos Goytacazes, RJ) e D. Geraldo de Proença Sigaud (Diamantina, MG).

É importante deixar claro que apesar de ser uma instituição formada por leigos católicos, a TFP nunca procurou uma ligação formal com a hierarquia da Igreja Católica constituindo-se desde sua fundação como uma associação de caráter cultural, cívico, filantrópico e beneficente que tinha entre seus principais objetivos defender os pilares da civilização cristã que, segundo a doutrina tefepista, seriam a tradição, a família e a propriedade privada.

Nosso enfoque neste artigo será a TFP brasileira, apesar de terem sido fundadas outras TFPs e organizações congêneres em diversos países: Argentina, Chile, Uruguai (1967), Peru (1970), Colômbia, Venezuela, Espanha (1971), Equador (1973), Bolívia, França, Portugal, Estados Unidos (1974), Canadá (1975), Itália (1976), África do Sul (1980), Alemanha, Austrália (1982), Costa Rica (1983), Nova Zelândia (1985), Filipinas (1986), Paraguai (1987), Grã-Bretanha (1990), Índia (1992), Polônia (1995) e Japão (1996).

Observaremos que a manutenção da misoginia nos moldes medievais no final do século XX e início do século XXI e a incapacidade

de adotar valores modernos como a incorporação de mulheres em seus quadros, foi um dos principais motivos para que a TFP fosse objeto de uma divisão interna que, se não a extinguiu, praticamente eliminou sua capacidade de ação na sociedade na medida em que a maioria de seus adeptos e colaboradores migrou para outra instituição que, mesmo permanecendo conservadora, teve a capacidade de entender a importância da participação feminina nas organizações católicas.

Inicialmente vamos explicar o arcabouço teórico e doutrinário propagado no interior da organização. Esta explanação é, para nós, de extrema importância para o entendimento de como se forjou uma ideologia profundamente reacionária que idealiza a Idade Média e, como consequência, tem como marca a presença virulenta do horror ao feminino.

A doutrina tefepista e a negação dos valores igualitários

Revolução e Contrarrevolução - de autoria do fundador da TFP Plínio Corrêa de Oliveira – é o livro de cabeceira da entidade. A obra foi publicada em 1959 – um ano antes da fundação da organização – tornando-se o principal instrumento na socialização dos recrutas que ingressavam no movimento. A obra constituiu-se em uma referência, em um manual ou em um guia a que o militante deveria sempre se reportar para saber como agir na vida cotidiana.

No livro *Revolução e Contrarrevolução* o fundador da TFP, através de uma análise de fatos históricos e fenômenos da psicologia humana, demonstra um processo cinco vezes secular - séculos XVI ao XX - de

deterioração dos fundamentos da civilização cristã denominado revolução. Sua causa é uma explosão de orgulho e sensualidade que inspirou, não somente um sistema, mas toda uma cadeia de sistemas ideológicos.

Segundo Plínio Corrêa de Oliveira, as crises que afetam o mundo contemporâneo - do Estado, da família, da economia e da cultura – constituem diferentes aspectos de uma só crise fundamental que tem como campo de ação o homem. Essa crise instala-se principalmente no homem ocidental e cristão, no europeu. No entanto, afeta também outros povos, na medida em que o pensamento ocidental avança por outras regiões¹. Na construção desta crise (revolução), o fundador da TFP delimita os três grandes momentos da decadência do homem cristão através das etapas do processo revolucionário. O Humanismo, o Renascimento e a Reforma Protestante – denominada por ele de “Pseudo-Reforma” – constituiriam a primeira revolução; a Revolução Francesa a segunda e, por fim, o comunismo a terceira.

Como o líder da TFP se opõe à Reforma Protestante e ao Iluminismo, seu modelo histórico de civilização configurava-se na idealização romântica da Idade Média. Neste sentido, Plínio Corrêa de Oliveira demonstra a influência de autores conservadores, principalmente de Joseph De Maistre. Trindade afirma que:

o modelo medieval é utilizado em De Maistre como recurso idealizado para a reconstrução da sociedade. Este modelo é ideal na medida em que não encontra sua correspondência na realidade histórica, mas é real para a ideologia de um grupo social em determinada época, onde a exaltação do passado se tornava promessa messiânica do futuro. A partir do individualismo, das divisões sociais internas da sociedade, signos do mal, podem os indivíduos retirar o bem, ou seja, recuperar o universo coletivo perdido

quando reunificarem em torno de um mesmo ideal e de um árbitro comum aceito por todos.²

Por outro lado, a Revolução Francesa – por influência das paixões desenfreadas – foi o triunfo do igualitarismo em dois campos. No campo religioso, sob a forma do ateísmo, que segundo Plínio Corrêa de Oliveira é rotulado de laicismo. Na esfera política ao instituir que toda desigualdade é uma injustiça, toda autoridade um perigo, e a liberdade o bem supremo.³ “A Revolução (Francesa) teve um caráter agressivamente anticatólico. Seu espírito igualitário não podia tolerar uma estrutura profundamente hierárquica e sacral como o da Igreja Católica. Era preciso criar uma igreja subordinada ao Estado, laicizar os padres e transformar os bispos em funcionários públicos”.⁴ O caráter anticlerical da Revolução e a valorização da razão em contraposição à fé atingiram em cheio a doutrina católica: “Em Notre Dame de Paris, celebrou-se a 10 de novembro de 1793 o culto da liberdade e da Razão. Os sans-cullotes destronaram a imagem de Nossa Senhora e em seu lugar uma megera de teatro foi cultuada como a deusa da liberdade”.⁵

Segundo Badinter, a Revolução Francesa representou a morte de Deus, o assassinato do pai do gênero humano. Os lemas de Liberdade, Igualdade, Fraternidade, negaram a autoridade do rei – que era associada à autoridade de Deus pela teoria do Direito Divino – implementando a ideia de relações igualitárias entre os cidadãos: “o tríptico Liberdade, Igualdade, Fraternidade substituiu o antigo: Submissão, Hierarquia e Paternidade. Na república, a amizade fraternal entre cidadãos substituiu o sentimento de respeito que une os filhos ao pai. Os laços verticais cedem lugar a laços horizontais, únicos compatíveis com o ideal igualitário”.⁶

Ao opor-se à Revolução Francesa, Plínio Corrêa de Oliveira encarna o espírito do catolicismo ultramontano. Como a partir do século XVIII, parte expressiva do clero francês aderira à ideologia liberal veiculada pelos enciclopedistas, o grupo fiel à Santa Sé passou a ser chamado de ultramontano. O grupo alinhava-se ao Pontífice Romano, que residia, a partir da ótica francesa, além dos Alpes, ou seja, ultramontes.⁷ Segundo Duffy, ultramontanismo é um termo latino que significa “o outro lado das montanhas, ou seja, dos Alpes, portanto, uma doutrina que dá grande ênfase à autoridade suprema do papa sobre a Igreja como um todo fora de sua própria diocese”⁸. Finalmente – constituindo-se como a terceira revolução – o comunismo seria a transposição do igualitarismo para o campo econômico. Segundo Castro: “o comunismo apareceu como o desdobramento do processo revolucionário que representa o orgulho humano lutando contra a última das desigualdades, a das fortunas”⁹.

De acordo com Motta, as principais fontes matriciais a fornecerem argumentos para elaboração do perigo comunista são o catolicismo, o nacionalismo e o liberalismo. No entanto, a Igreja Católica constituiu-se na organização não estatal mais empenhada no combate aos comunistas ao longo do século XX.¹⁰

O medo em relação ao comunismo presente no discurso de Plínio Corrêa de Oliveira residia no fato de que esta doutrina questionava os fundamentos básicos das instituições religiosas. O comunismo não se restringiria a um programa de revolução social e econômica, mas em uma filosofia, num sistema de crenças que concorria com a religião em termos

de fornecer uma explicação para o mundo e uma escala de valores, ou seja, uma moral. Motta observa que:

A filosofia comunista opunha-se aos postulados básicos do catolicismo: negava a existência de Deus e professava o materialismo ateu; propunha a luta de classes violenta em oposição ao amor e à caridade cristãs; pretendia substituir a moral cristã e destruir a instituição da família; defendia a igualdade absoluta contra as noções de hierarquia e ordem embasadas em Deus. No limite, o sucesso da pregação comunista levaria ao desaparecimento da Igreja, que seria um dos objetivos dos líderes revolucionários.¹¹

O objetivo comunista de destruir a família – pilar da sociedade e transmissora de valores – foi uma questão fundamental presente no discurso anticomunista católico de um modo geral e especificamente na ideologia tefepista. Novamente recorreremos a Motta para mostrar que:

...a ameaça que a ação comunista significava para a manutenção dos valores da “boa sociedade” era um desdobramento lógico de seu empenho diabólico em destruir a Igreja. Para minar as forças do catolicismo seria necessário corromper os costumes e afastar o povo dos ensinamentos da moralidade cristã. Segundo esta visão, os seguidores de Lênin sabiam que a religião opunha um dique formidável a seus planos de ocupar o poder, e então estabeleceram a estratégia de abalar os alicerces da devoção popular à Igreja. Sobretudo, os revolucionários desejariam destruir o pilar básico do edifício cristão, a família, que constituía a base da instituição religiosa e da própria sociedade.¹²

Uma última questão que gostaríamos de abordar em relação ao anticomunismo presente no catolicismo e que pode ser estendido à TFP, refere-se a um símbolo da luta contra os revolucionários, qual seja, Nossa Senhora de Fátima. Explicitar a relação da Virgem com o comunismo é

fundamental, pois os militantes da TFP tinham uma grande devoção a Nossa Senhora de Fátima, devoção esta que se constituía em tema de campanha para arrecadar donativos para a entidade.

Não é casual a utilização deste símbolo, pois a Virgem de Fátima desempenhou papel importante nas campanhas anticomunistas da Igreja. Segundo Motta:

...o fato da aparição ter se dado em 1917 proporcionou uma interpretação vinculando-a aos acontecimentos da Rússia. Setores católicos entenderam que se tratava de uma mensagem celeste, uma reação divina ao crescimento das forças ateístas. A aparição da virgem às três crianças portuguesas significava uma demonstração aos homens, um chamado para que recobrassem a fé e o “caminho reto” indicado pela Igreja.¹³

Plínio Corrêa de Oliveira mostra que a revolução busca destruir toda uma ordem de coisas legítima, e substituí-la por uma situação ilegítima. Visa derrubar a cristandade medieval. Essa cristandade, segundo o pensador católico, não foi uma ordem qualquer, mas a única ordem verdadeira que existiu entre os homens: “assim, o que tem sido destruído, do século XV para cá, aquilo cuja destruição está quase consumada em nossos dias, é a disposição dos homens e das coisas segundo a doutrina da Igreja, Mestra da Revelação e da Lei Natural. Esta disposição é a ordem por excelência.

Podemos notar no discurso do fundador da TFP certa nostalgia da Idade Média como uma época em que havia uma perfeita sociedade cristã, sacral e hierárquica. Encontram-se em seus escritos alguns elementos que caracterizaram a chamada ideologia de cristandade, ou seja, um pensamento que idealizava um retorno à Idade Média cristã em que

existiria um controle eclesiástico das relações sociais e uma cristandade una. Dessa forma, Plínio Corrêa de Oliveira aproxima-se dos círculos católicos que afirmaram o objetivo de “restaurar a ordem demolida pela Revolução, ou seja, a cristandade medieval anterior à Reforma.”¹⁴

Plínio Corrêa de Oliveira possuía a visão teológica tradicional da Igreja como “sociedade perfeita”, ou seja, “uma instituição ideal, imersa no século deturpado pelo pecado”.¹⁵ Esta convicção se concilia com a tese da cristandade medieval, pois naquela época todos os aspectos da vida do homem eram subordinados a fins religiosos. Foi, portanto, a época que melhor representou o ideal de uma civilização cristã, um tempo anterior ao processo revolucionário iniciado com a Reforma Protestante, seguido pela Revolução Francesa que culminou no comunismo:

a desagregação da sociedade medieval cristã aparece nitidamente como sendo consequência da Reforma Protestante. Esta, por sua vez, numa progressiva genealogia de desvios, culminou na Revolução Francesa, da qual nasceu o liberalismo, e do qual nasceu em seguida o socialismo. Deste conjunto de considerações históricas e ideológicas se tira um corolário político: na realidade do momento histórico pós-revolucionário é dever dos católicos empenharem-se na recomposição daquela forma de relacionamento entre Igreja e a sociedade como existiu de fato na Idade Média, superando assim a longa cadeia de erros que caracterizam o processo histórico do mundo moderno.¹⁶

Se a ordem cristã representa a única ordem legítima, a revolução consiste em impor a desordem e a ilegitimidade por excelência. O orgulho e a sensualidade – as forças propulsoras da revolução – conduzem a dois valores metafísicos que exprimem seu espírito: igualdade absoluta e

liberdade completa. Plínio Corrêa de Oliveira critica o igualitarismo e o liberalismo, expondo suas consequências no âmbito religioso, político e social. O líder da TFP utiliza a filosofia tomista para legitimar a desigualdade entre os homens:

São Tomás ensina que a diversidade das criaturas e seu escalonamento hierárquico são um bem em si, pois assim melhor resplandecem na criação as perfeições entre os Anjos quanto entre os homens, no Paraíso Terrestre como nesta terra de exílio, a Providência instituiu a desigualdade. Por isso, um universo de criaturas iguais seria um mundo em que se teria eliminado em toda a medida do possível a semelhança entre criaturas e Criador. Odiar, em princípio, toda e qualquer desigualdade é, pois, colocar-se metafisicamente contra os melhores elementos de semelhança entre o Criador e a criação, é odiar a Deus.¹⁷

Após a análise do processo revolucionário por que passou e continua passando a civilização cristã, Plínio Corrêa de Oliveira explicita o movimento contrário à revolução, denominado por ele de contrarrevolução. De acordo com o discurso tefepista a contrarrevolução seria como uma nova Contrarreforma buscando a restauração dos valores católicos na sociedade:

se tal é a Revolução, a Contra-Revolução é, no sentido literal da palavra, despido das conexões ilegítimas e mais ou menos demagógicas que a ela se juntaram na linguagem corrente, uma “re-ação”. Isto é, uma ação que é dirigida contra outra ação. Ela está para a Revolução como, por exemplo, a Contra-Reforma está para a Pseudo-Reforma.¹⁸

Plínio Corrêa de Oliveira apresentou a revolução como a desordem, a contrarrevolução deveria, então, restaurar a ordem: “e por ordem entendemos a paz de Cristo no reino de Cristo. Ou seja, a civilização

cristã, austera e hierárquica, fundamentalmente sacral, antigualitária e antiliberal”. A ordem nascida da contrarrevolução deverá ser mais rígida nos três pontos fundamentais em que esta foi vulnerada pela revolução:

Um profundo respeito dos direitos da Igreja e do Papado e uma sacralização, em toda a extensão do possível, dos valores da vida temporal, tudo por oposição ao laicismo, ao interconfessionalismo, ao ateísmo e ao panteísmo, bem como suas respectivas sequelas.

Um espírito de hierarquia marcando todos os aspectos da sociedade e do estado, da cultura e da vida, por oposição à metafísica igualitária da Revolução.

Uma diligência no detectar e no combater o mal em suas formas embrionárias ou veladas, em fulminá-lo com execração e nota de infâmia, e em puni-lo com inquebrantável firmeza em todas as suas manifestações, e particularmente nas que atentarem contra a ortodoxia e a pureza dos costumes, tudo por oposição à metafísica liberal da Revolução e à tendência desta a dar livre curso e proteção ao mal.¹⁹

A partir do discurso de Plínio Corrêa de Oliveira podemos fazer algumas indagações sobre a que público é direcionado. Que indivíduo ou grupo poderia conhecer perfeitamente a revolução para combatê-la, amar a contrarrevolução e odiar a revolução? Quem poderia transformar esse amor e esse ódio no substrato que alimenta o seu ideal de vida? A resposta encontra-se no militante tefepista que é socializado para ter como principal objetivo de vida impedir a derrocada da civilização cristã pelo processo revolucionário.

Segundo o ex-militante José Antônio Pedriali, o membro da TFP precisava assimilar por completo os princípios da organização e ordenar sua vida, seus hábitos e seus ideais a esse modo de pensar, sentir e agir. Para Plínio Corrêa de Oliveira, a contrarrevolução seria sobretudo uma

luta espiritual, que exige de seus participantes adesão total e entrega absoluta. Herdeiros de vícios e ideias errôneas acumuladas durante séculos por seus ancestrais, os jovens contrarrevolucionários têm a missão sagrada de impedir que os homens e seus descendentes se percam no pecado. Além disso, julgam-se marcados por uma vocação especial, selecionados entre tantos para a missão única, filhos prediletos de Deus e da Virgem Maria, e portanto, suas responsabilidades são enormes.

Ao conhecer as causas da Revolução, o militante deveria romper com os valores e hábitos mundanos – repletos dos erros revolucionários – e assimilar por completo os princípios da TFP. De acordo com Pedriali:

o membro da TFP tem de conhecer a essência da Revolução e seus mecanismos de ação para combatê-la eficazmente. Mas não basta apenas saber a teoria. É preciso, acima de tudo, aplicar os métodos indicados pelo professor Plínio para expulsá-lo primeiro de seu interior e, depois, deter seu avanço em outras pessoas na sociedade e no mundo em geral. Entregar-se à TFP corresponde a rejeitar todo o passado individual, romper os vínculos com o presente e dedicar-se ao futuro, previsto como repleto de glórias e de santidade cristã. (...) Se a revolução foi uma explosão de orgulho e sensualidade, seus adversários devem ser humildes e puros, no mais alto grau. E como reunir estas virtudes num mundo que a TFP julga impregnado de vícios opostos? Dando as costas ao mundo e vivendo num ambiente onde todos almejam este mesmo objetivo.²⁰

Apesar de seu discurso ser endereçado a um público restrito, Plínio Corrêa de Oliveira deixa claro que não somente os integrantes da TFP podem se constituir como contrarrevolucionários. No entanto, são identificados como um seleto grupo de pessoas que fazem parte da elite.

O pensador católico dá um papel secundário às massas enfatizando a importância de uma elite pensante no movimento histórico:

Um estudo exato da História nos mostra, com efeito, que não foram as massas que fizeram a Revolução. Elas se moveram num sentido revolucionário porque tiveram atrás de si elites revolucionárias. Se tivessem tido atrás de si elites de orientação oposta, provavelmente se teriam movido num sentido contrário. O fator massa, segundo a visão objetiva da História, é secundário, o principal é a formação das elites.²¹

No que tange à valorização das elites, a ideologia do fundador da TFP aproxima-se de outros representantes do catolicismo reacionário como Gustavo Corção e Jackson de Figueiredo. Na visão do primeiro, só as elites são capazes de representar dignamente o povo na condução dos negócios do país, o que dá à aristocracia o seu lugar devido. O segundo demonstra hostilidade a um governo de ampla participação popular e apregoa a necessidade de consolidar a ordem através de um governo de cunho autoritário.²²

Essa exaltação das elites presente nos escritos dos integristas é característica do pensamento conservador. Para De Maistre, a soberania não nasce de uma deliberação ou de um pacto social, muito menos reside na massa, pois a massa é “amorfa e inapta, devendo, portanto, ser conduzida por uma elite que a orienta. Esta elite é geralmente representada pela aristocracia, porque, por uma ‘lei natural’, em todos os Estados os altos empregos pertencem à aristocracia”.²³

Se a força propulsora da revolução é o dinamismo das paixões humanas - orgulho e sensualidade – desencadeadas num ódio metafísico contra Deus, contra a virtude e logicamente contra o bem, também a

contrarrevolução tem sua força propulsora que é de natureza diferente da primeira. De acordo com o fundador da TFP, as paixões por si mesmas não são perniciosas, seu desregramento é que as tornam más. Se as paixões forem reguladas elas tornam-se boas e obedecem à vontade e à razão. Portanto, segundo Mattei “a força propulsora da Contra-Revolução está no vigor espiritual que vem ao homem pelo fato de Deus governar nele a razão, a razão dominar a vontade, e esta, por fim, dominar a sensibilidade. Ele é servo de Deus mas, justamente por isso, dono de si”.²⁴

Ao finalizar a obra o autor faz uma relação entre a Igreja Católica e a contrarrevolução. Se a revolução, segundo o líder da TFP, visa destruir toda a sociedade e subverter a ordem moral, seu grande alvo é a Igreja guardiã da verdade. Dito isto pode-se inferir que: “se a Revolução existe, se ela é o que é, está na missão da Igreja, é do interesse da salvação das almas, é capital para a maior glória de Deus que a Revolução seja esmagada”²⁵. A Igreja é, pois, uma força fundamentalmente contrarrevolucionária, no entanto, o âmbito da contrarrevolução ultrapassa o eclesial por implementar uma reorganização de toda a sociedade temporal:

esta tarefa de uma fundamental reorganização da sociedade temporal, se de um lado deve ser toda inspirada pela doutrina da Igreja, envolve de outro um sem número de aspectos concretos e práticos que estão propriamente na ordem civil. E a este título a Contra-Revolução transborda do âmbito eclesial, continuando sempre profundamente ligada à Igreja no que diz respeito ao Magistério e ao poder indireto desta.²⁶

Plínio Corrêa de Oliveira conclui dizendo que todo católico deve ser um contrarrevolucionário, na medida em que é um apóstolo. Quanto

aos adeptos de outras religiões – como por exemplo os protestantes e os muçulmanos – deve-se aproveitar sua cooperação, mas enquanto não se tornarem católicos não serão genuínos contrarrevolucionários.

A mulher como mal: a misoginia tefepista

É relevante ressaltar que a TFP sempre foi constituída somente por homens. Na ideologia tefepista sempre esteve presente certa misoginia, que pode ser comprovada na obrigação do militante ser celibatário e ter de viver na castidade. Como as mulheres seriam uma ameaça ao celibato e à castidade, os integrantes da organização deviam guardar distância do feminino. Além disso, a Contrarrevolução preconizada por Plínio Corrêa de Oliveira exigia do militante uma luta constante e exclusiva, que seria prejudicada se o membro da entidade tivesse que despender parte de seu tempo com uma esposa ou família.

Podemos pensar a TFP como uma espécie de “casa dos homens” descrita por Daniel Welzer-Lang. Nessa “casa dos homens” (pátios de colégios, clubes esportivos, cafés), os meninos são educados para se tornarem verdadeiros homens, eles deveriam combater os aspectos que poderiam fazê-los serem associados às mulheres.²⁷ Ao aproximar a TFP da “casa dos homens”, não temos a intenção de entendê-la como um local onde se preconiza uma hostilidade sistemática à mulher, mas descrevê-la como um local de sociabilidade masculina em que o feminino não penetra.

Nosso objetivo central é demonstrar que a posição da TFP ao longo de sua história em relação à figura feminina remonta à misoginia que esteve presente na Igreja Católica e na tradição cristã. A mulher foi

considerada responsável pela introdução do pecado no mundo e teve grande participação na decadência moral da cristandade medieval.

Um exemplo da aversão ao feminino presente na tradição cristã é esboçado por Bloch²⁸. Segundo esse autor, a Bíblia contém duas histórias da criação. A primeira delas – a chamada versão “sacerdotal” – sugere a criação simultânea do homem e da mulher. No entanto, essa versão que considera os gêneros iguais foi suprimida da história do cristianismo. A versão que prevaleceu foi a jeovista em que a mulher é formada a partir de uma costela de Adão. A mulher neste caso é vista como uma derivação do homem, ou seja, o homem é formado à imagem de Deus enquanto a mulher é formada à imagem do homem. Portanto, a mulher ao derivar do homem, é tratada como secundária, como um complemento. Segundo Haword Bloch os comentadores medievais – Fílon Judeu, Crisóstomo, Jerônimo, Agostinho – centram-se na Criação Jeovista, e entendem o aparecimento sequencial dos sexos de forma altamente hierárquica”.²⁹ Esta interpretação constituiu a instância fundadora da lógica “falocêntrica” que dominou o pensamento ocidental deste então.

Segundo Duby,³⁰ a partir do século XII os homens da Igreja passaram a dar uma ênfase maior aos pecados das mulheres. De acordo com um deles – Étienne de Fougères bispo de Rennes – a mulher é portadora do mal. Para ele, as damas são indóceis, agressivas, naturalmente hostis e se entregam à luxúria. Esta última característica as fazem recorrer a amantes, pois não se satisfazem somente com seus maridos.

O autor acima citado diz que para a narrativa da época o pecado foi introduzido pelo apetite do prazer, e foi Eva com sua sensualidade a

grande responsável. Ao tecer comentários sobre o dominicano Humbert de Romans que viveu no século XIII, Georges Duby conclui que os homens da Igreja têm medo das mulheres, sobretudo de seu sexo. Humbert diz em sua homilia que a mulher é Eva, portanto, representa o perigo. A mulher incita os homens a gozar oferecendo-lhes o fruto proibido.

Apesar desse antifeminismo presente na origem da humanidade e que foi difundido com o desenvolvimento do cristianismo, Ranke-Heinemann nos mostra como todo pessimismo em relação às mulheres e às relações sexuais não tem sua origem no pensamento cristão, mas em outras correntes filosóficas e religiosas como o gnosticismo e o judaísmo. Para a autora:

o cristianismo não inventou a reverência pela castidade, a qual de forma alguma proveio de Jesus. Pelo contrário, os cristãos se adaptaram a seu meio e então levaram o ideal da castidade até o pleno século XX – pois seu fim ainda não está a vista – como o paradigma do cristianismo verdadeiro e original.³¹

De acordo com a autora alemã, Jesus foi um grande amigo das mulheres, o primeiro e praticamente o último que tiveram na Igreja. Sua abertura às mulheres, o respeito que demonstrava por elas foi substituído depois de sua morte pelos celibatários da Igreja. A questão do celibato é um bom exemplo para demonstrarmos como o respeito que Jesus declarava as mulheres foi transformado em misoginia no desenvolvimento do cristianismo.

Ranke-Heinemann enfatiza que Jesus não impôs o celibato, mas criticou o divórcio presente na sociedade judaica:³²

Jesus não disse absolutamente nada sobre o celibato. Ele simplesmente corrigiu, para horror dos discípulos, a tendenciosidade de uma sociedade polígama que desprezava as mulheres e esboçou a imagem ideal da unidade conjugal. Mas seu ensinamento foi depois reinterpretado pelos teólogos celibatários como um apelo para que se renunciasse ao casamento, enquanto suas palavras sobre formar uma só carne foram transformadas no elogio dos celibatários como os eunucos do reino dos céus.³³

A questão do celibato na Igreja Católica foi fruto de má interpretação ou mal entendido. No entanto, a medida que a teologia cada vez mais se tornou o assunto de celibatários, o pecado foi cada vez mais colocado no reino do sexo. A evolução desse pensamento fez com que o celibato fosse imposto aos sacerdotes católicos no segundo Concílio de Latrão (1139) e posteriormente, no Concílio de Trento (1545-1563). No primeiro dos referidos Concílios foi proibido aos padres se casarem e no segundo ficou impossível a homens casados tornarem-se padres. Assim, a partir dessas duas medidas o celibato compulsório foi imposto pela Igreja Católica e permanece até nossos dias. Mesmo no século XXI – em organizações como a TFP – a questão sexual é vista de forma negativa, algo que a pessoa próxima de Deus deve se libertar.

Na ideologia tepepista está presente esta aversão ao sexo e às mulheres, o que pode ser comprovado na obrigação do militante ser celibatário e ter de viver na castidade. Essa dificuldade de um grupo de celibatários em lidar com o feminino nos remonta as discussões em torno da misoginia elaboradas por Ranke-Heinemann:

Os celibatários da Igreja nunca conseguiram lidar livre e abertamente com as mulheres. Seus status e estilo de vida foram por demais baseados na diferenciação e oposição ao casamento e a feminilidade para que não

vissem as mulheres como a negação de sua existência celibatária e uma ameaça a ela. As mulheres muitas vezes os atingiram como a personificação das armadilhas do demônio.³⁴

Essa visão das mulheres como uma ameaça gerava normas de conduta no interior da instituição que levava a uma fuga do feminino. O ex-militante José Antonio Pedriali confirmou a existência de orientações para se afastar das mulheres. Não se aproximar do ser feminino era condição para atingir a perfeição. Dentro da TFP os homens que se deixavam dominar por uma mulher eram caracterizados como fracos. Segundo o ex-membro da entidade:

a distância em relação às mulheres era norma de conduta dos adeptos da Organização, e não poderia desrespeitá-la sob o risco de incorrer numa grande falha. “Traidor”, “sabugo” – assim eram classificados os militantes que se envolveram com uma mulher, namoravam ou se haviam casado. Exceção apenas para os que eram casados quando conheceram a TFP. Os demais tinham de manter-se afastados o mais possível da companhia feminina. O casamento, respeitado enquanto instituição católica sagrada, jamais poderia ser ambicionado por um membro do grupo: para nós, o celibato era condição a que atingíssemos a perfeição.³⁵

Podemos dizer que para o militante tefepista estar afastado da mulher significava afastar-se do perigo, manter distância da sensualidade feminina e de uma possível relação sexual. Em entidades como a TFP, a questão sexual é vista de forma negativa. Sobre essa questão Richards afirma que:

a cristandade foi, desde seus primórdios, uma religião negativa quanto ao sexo. Isso significa dizer que os pensadores cristãos encaravam o sexo, na melhor das hipóteses, como uma espécie de mal necessário,

lamentavelmente indispensável para a reprodução humana, mas que perturbava a verdadeira vocação de uma pessoa – a busca da perfeição espiritual, que é, por definição, não sexual e transcende a carne. É por isso que os ensinamentos cristãos exaltam o celibato e a virgindade como as mais elevadas formas de vida.³⁶

Todavia, ao mesmo tempo em que existia essa tentativa de se afastar do feminino em um local onde só residem homens, os militantes da TFP tinham uma grande devoção a Nossa Senhora de Fátima. Neste ponto é importante ressaltar que ao lado da visão antifeminina, a tradição cristã promoveu uma idealização das mulheres que se dedicaram à virgindade consagrada. As virgens consagradas, assim como Maria, seriam puras enquanto as outras mulheres haviam cedido ao pecado.

De acordo com Ranke-Heinemann, a mariologia, ou seja, a doutrina da Igreja sobre Maria, não foi desenvolvida por mulheres e sim por celibatários que idealizaram a doutrina da “virgindade perpétua”.³⁷ Com isso, Maria tornou-se uma exceção a todas as outras mulheres. A única mãe preservada enquanto todas as outras foram violadas, a única mãe pura ao passo que todas as outras são impuras.

No entanto, o culto a mãe de Jesus esconde uma ideologia perniciosa, pois ela é admirada por ser a rainha dos céus, por ser miraculosa, por ter se transformado em uma exceção às mulheres e não por ser uma mulher como todas as outras. Portanto, Maria é uma exceção que aflige as mulheres, apesar de ser uma mulher ela não tem nada em comum com as demais.

É importante ressaltar que além da devoção a Nossa Senhora de Fátima, existia no interior da TFP um culto à mãe do fundador da

entidade, Lucília Corrêa de Oliveira. Um exemplo dessa idolatria pode ser observado a partir da ladainha transcrita abaixo:

Kyrie, eleison.
Christe, eleison.
Kyrie, eleison.
Christe, audi nos.
Christe, exaudi nos.
Pater de caelis Deus, Miserere nobis.
Fili, Redemptor mundi, Deus, miserere nobis.
Spiritus Sanote Deus, miserere nobis.
Sancta trinitas, unus Deus, miserere nobis.
D^a Lucilia, rogai por nós.
Manguinha, rogai por nós.
Mãe do Sr. Dr. Plínio, rogai por nós.
Mãe do Doutor da Igreja, rogai por nós.
Mãe do nosso Pai, rogai por nós.
Mãe do Inefável, rogai por nós.
Mãe de todos nós, rogai por nós.
Mãe dos séculos futuros, rogai por nós.
Mãe do Princípio axiológico, rogai por nós.
Mãe do Temperamento de Síntese, rogai por nós.
Mãe de toda pureza, rogai por nós.
Mãe da Trans-esfera, rogai por nós.
Mãe da Seriedade, rogai por nós.
Mãe da Contra-Revolução, rogai por nós.
Restauradora dos Temperamentos, rogai por nós.
Fonte da Luz, rogai por nós.
Geradora da Inocência, rogai por nós.
Consoladora do Sr. Dr. Plínio, rogai por nós.
Mediadora do Grand Retour, rogai por nós.
Medianeira de todas as nossas graças, rogai por nós.
Aurora do Reino de Maria, rogai por nós.
D^a Lucilia do Sorriso, rogai por nós.
D^a Lucilia dos Flashes, rogai por nós.
Flor mais bela entre todas, rogai por nós.
Refugium nostrum, rogai por nós.
Consolatrix nostra, rogai por nós.
Auxilium nostrum na Bagarre, rogai por nós.
Causa de nossa perseverança, rogai por nós.
Vaso de lógica, rogai por nós.
Vaso de Metafísica, rogai por nós.
Mártir do isolamento, rogai por nós.

Rainha do sofrimento sereno, rogai por nós.
Rainha do jeitinho, rogai por nós.
Rainha da Serenidade, rogai por nós.
D^a Lucília, Mãe e Senhora nossa, ajudai-nos.
D^a Lucília, nossa maior medianeira ante N^a Senhora,
ajudai-nos.
(Jaculatória acrescentada após as denúncias contra a
ladainha).
Rogai por nós, ó Mãe de Doutor da Igreja.
Para que sejamos dignos das promessas do Sr. Dr.
Plínio.
Memorare
Lembrai-vos ó piússima D^a Lucília, que nunca se ouvi
dizer, etc.³⁸

Portanto, podemos dizer que apesar do militante tefepista procurar não se aproximar da figura feminina, duas mulheres estavam presentes na organização: Lucília Corrêa de Oliveira e a Virgem Maria. No entanto, a veneração a essas duas mulheres serve para sublimar sua ausência no público, no social e no pessoal, ou seja, como participantes ativas no interior da organização, na vida afetiva e sexual dos militantes. As mulheres presentes na TFP estão afastadas das decisões políticas, do concreto, agem somente no plano sobrenatural. Elas estão presentes e ao mesmo tempo não estão em lugar algum. Como observa Michelle Perrot “reificar, deificar a mulher é uma maneira de colocá-la ‘em seu lugar’, sobre os altares, isto é, à parte e em parte nenhuma”³⁹ Na expressão que Bloch toma de empréstimo a Gisele Halimi, a mulher neste contexto é transformada em “capacho-pedestal”, ou seja, é enaltecida para ser rebaixada, é idolatrada como a mulher inatingível para ser excluída das tarefas mundanas.

Essas duas visões antagônicas da mulher na Igreja são muito bem caracterizadas por Bloch. A mulher pode ser a fonte de todo o mal, o

“portão do diabo”, e ao mesmo tempo pode ser a “esposa de cristo”. A mulher pode ser vista pelas duas formas extremas, não existindo posição intermediária. Assim, a mensagem as mulheres não é “você é a esposa de Cristo” ou “você é o portão do diabo”, ou mesmo “você pode ser uma ou outra”, “você escolhe”. Em vez disso, se diz: você é ao mesmo tempo a “esposa de cristo” e o “portão do diabo”, sedutora e redentora, mas nunca o meio termo. A ideia da mulher como simultaneamente sedutora e redentora não é nenhuma contradição, mas uma arma ideológica poderosa pela qual as mulheres, juntamente com os haveres pertencentes a elas, saíram da posse das famílias e foram alocadas na Igreja, pois o cristianismo tornou-se uma forma de a mulher escapar ao patriarcado do mundo antigo, deixando sua família para participar de instituições religiosas e atuar como missionárias.⁴⁰

Considerações finais

A misoginia tefepista que resultou em um afastamento do feminino e impedimento da incorporação das mulheres nos quadros da instituição foi um dos fatores primordiais para uma cisão no seio da entidade que dividiu os discípulos de Plínio Corrêa de Oliveira em dois grupos distintos.

Gostaríamos de ressaltar que apesar de sua aparente coesão interna a TFP passou por mudanças. Após a morte de seu líder e fundador Plínio Corrêa de Oliveira em 1995 a instituição passou por disputas internas que culminaram com um cisma ocorrido a partir de 1997.

A dissidência na TFP teve início com a reivindicação do grupo liderado por um membro da entidade, João Clá Dias, ao direito a voto para decidir sobre as questões referentes à entidade. De acordo com os estatutos da TFP, criados por Plínio Corrêa de Oliveira, somente os membros fundadores – que eram nove no total – tinham direito ao sufrágio nas assembleias gerais. Com isso os demais 1800 sócios efetivos e colaboradores, cuja maioria se dedicava em tempo integral à organização, não possuíam meios para influenciar em nenhuma decisão.

João Clá Dias – líder dos dissidentes - era muito próximo a Plínio Corrêa de Oliveira, já que era ele quem transportava o fundador da TFP numa cadeira de rodas, após este ter ficado com uma deficiência física em consequência de um acidente de carro. A força de João Clá dentro da TFP residia no fato de ser ele o responsável pela formação dos jovens militantes da entidade, que eram a maioria e que se constituíram como a maior parte dos dissidentes.

Diante da recusa dos diretores da TFP em modificar os estatutos e conceder sufrágio universal no interior da entidade, o grupo rebelado decidiu recorrer à justiça. Uma ação foi impetrada na 3ª Vara Cível do Fórum de São Paulo, para exigir o direito dos sócios nas assembleias. A alegação era de que a proibição contrariava artigo do Código Civil. Os dissidentes não obtiveram êxito ao tentar modificar os estatutos da entidade, pois foram derrotados na justiça em 1ª instância.

Após a derrota, em 1999, o grupo dissidente fundou em São Paulo uma outra associação denominada *Arautos do Evangelho*. Este novo grupo que absorveu dois terços dos militantes da TFP possuía algumas diferenças em relação a esta. *Os Arautos do Evangelho* admitiam mulheres na

entidade e ao contrário da TFP, estavam vinculados à hierarquia eclesiástica de Roma. Além disso, enquanto a TFP continuou seu combate em relação às questões políticas, sociais e econômicas, estendendo para assuntos teológicos e morais, envolvendo-se em temas como reforma agrária, comunismo, infiltração esquerdista na Igreja, aborto e união civil de homossexuais, os *Arautos do Evangelho*, por sua vez, manifestavam-se somente quando as questões eram religiosas.

Em 28 de fevereiro de 2001, os *Arautos do Evangelho* constituíram-se em uma Associação Privada Internacional de Fieis de Direito Pontifício, título conferido pelo Papa João Paulo II. Seus integrantes eram na maioria jovens que praticavam o celibato e viviam em casas destinadas especificamente para rapazes e moças. Alternavam a vida de recolhimento, estudo e oração com atividades de evangelização nas dioceses e paróquias, dando ênfase à formação da juventude.

No entanto, após sete anos de litígio judicial, o Judiciário deu ganho de causa aos dissidentes da TFP concedendo o direito de voto a todos os sócios da entidade. No dia 14 de agosto de 2003 o grupo dissidente promoveu uma assembleia geral que elegeu uma nova diretoria para a entidade. Neste sentido, os militantes da TFP ligados aos sócios-fundadores perderam o direito sobre os bens, a sigla e até o brasão da entidade e a TFP passou a ser gerida pelos membros que haviam migrado para os *Arautos do Evangelho*.⁴¹

Diante desta derrota os membros fundadores e seu grupo criaram em São Paulo uma nova organização denominada *Associação dos Fundadores da TFP* que manteve a militância que foi característica da TFP desde a sua fundação em 1960, lutando contra o comunismo, a reforma agrária, a

infiltração esquerdista na Igreja, a união civil de homossexuais e outros temas correlatos. Atualmente os membros fundadores da TFP reúnem-se em uma associação chamada *Instituto Plínio Corrêa de Oliveira*.

É importante destacar que a questão da participação feminina teve grande influência no cisma iniciado na TFP após a morte de seu fundador. Como dissemos anteriormente, o impedimento de participação feminina na TFP, sua parcela de responsabilidade pela queda moral da Cristandade e a ameaça que sua presença representava a vida celibatária e casta dos membros, nos mostra a visão pessimista em relação as mulheres imposta pela instituição.

Porém, apesar das mulheres estarem apartadas formalmente da TFP pelo fato de não poderem se constituir como militantes da entidade, grande número delas – principalmente por serem católicas tradicionalistas – eram simpatizantes da ideologia conservadora professada pela organização. Por este motivo, os congressos de correspondentes e simpatizantes⁴² da entidade que ocorriam por todas as partes do Brasil e do mundo estavam sempre repletos de mulheres.

Neste sentido, as mulheres que eram simpatizantes da TFP viram em João Clá – o líder dos dissidentes – uma esperança de participação na instituição. Como dissemos, este adotou novos paradigmas, pois enquanto a TFP só admitia homens em seus quadros, ele passou a admitir mulheres nos *Arautos do Evangelho*.

A possibilidade de formação de uma “TFP feminina” levou as mulheres afeitas ideologicamente à instituição a apoiarem João Clá e seu grupo de dissidentes. Dessa forma, a misoginia tefepista que como

demonstrado levava a uma aversão ao feminino foi um dos fatores que impulsionaram um grande racha no interior da instituição.

A cisão fez com que a TFP entrasse em forte decadência no Brasil e no mundo. A entidade perdeu a grande maioria dos seus membros. Além disso, passou a ter como grande concorrente no recrutamento de militantes e simpatizantes um grupo que saiu de seu próprio seio.

Os poucos que permaneceram fiéis ao pensamento do fundador da TFP, não renunciaram a seus ideais e criaram uma nova instituição que partilha da mesma ideologia da associação fundada por Plínio Corrêa de Oliveira em 1960. Apesar de possuírem um núcleo comum, os *Arautos do Evangelho* multiplicam-se por todo o mundo, enquanto o *Instituto Plínio Corrêa de Oliveira* mantém-se como um pequeno grupo de leigos quase sem expressão no cenário religioso e político nacional. Parece-nos que a manutenção do comportamento misógino com resquícios medievais que levou a entidade a se afastar de metade da humanidade, ou seja, das mulheres, cobrou um preço alto demais, impossível de ser pago, que praticamente levou ao fim da instituição.

Notas

*Doutor em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), professor de Sociologia do Instituto Federal Fluminense (IFF) campus Campos-Guarus. Número do ORCID: 0000-0002-7866-1832

¹ OLIVEIRA, P. C. de. **Revolução e Contra-Revolução**. São Paulo: Diário das Leis, 1982. p. 17.

²TRINDADE, L. S. **As raízes ideológicas das teorias sociais**. São Paulo: Ática, 1978. p. 115.

³ OLIVEIRA, P. C. de, op. cit., p. 13.

⁴ ARAGÃO, B. de. **Revolução Francesa: Mito, Realidade, Desilusão. Catolicismo**, n. 463, p. 06, julho de 1989.

⁵ idem.

⁶ BADINTER, E. **Um é o outro:** relações entre homens e mulheres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 170.

⁷ AZZI, R. **O Altar Unido ao Trono:** um projeto conservador. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 109.

⁸ DUFFY, E. **Santos & Pecadores:** história dos Papas. São Paulo: Cosac Naify, 1998. p. 303.

⁹ CASTRO, M. L. O. de. **Política e Imaginação:** um estudo sobre a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 1991. p. 25.

¹⁰ MOTTA, R. P. S. **Em Guarda Contra o Perigo Vermelho:** o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. p. 18.

¹¹ idem, p. 20.

¹² ibid, p. 62.

¹³ MOTTA, R. P. S, op. cit., p. 100.

¹⁴ MENOZZI, D. **A Igreja Católica e a Secularização.** São Paulo: Paulinas, 1998, p. 38.

¹⁵ OLIVEIRA, P. C. de, op. cit., pp.31-32.

¹⁶ MENOZZI, D. op. cit., pp. 151-152.

¹⁷ OLIVEIRA, P. C. de, op. cit., pp. 31-32.

¹⁸ ibid., p. 41.

¹⁹ ibid, p. 42.

²⁰ PEDRIALI, J. A. **Guerreiros da Virgem:** a vida secreta na TFP. São Paulo: EMW Editores, 1985. p. 37.

²¹ OLIVEIRA, P. C. de, op. cit., p. 46.

²² AZZI, R. **A Neocristandade:** um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994. pp. 125-126.

²³ NISBET, R. Conservantismo. In: BOTTOMORE, T.; NISBET, R. (Orgs). op. cit., p. 85.

²⁴ MATTEI, R. de. **O Cruzado. do Século XX.** Porto: Civilização, 1997, p. 193.

²⁵ OLIVEIRA, P. C. de. op. cit., p. 56.

²⁶ ibid., p. 76.

²⁷ WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas.** Florianópolis, v. 09, nº 02, 2001, p. 462.

²⁸ BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 32.

²⁹ idem, p. 33.

³⁰ DUBY, G. **Eva e os Padres:** Damas do século XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 14.

³¹ RANKE-HEINEMANN, U. **Eunucos pelo Reino de Deus:** mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996. [2ª.ed.], p. 60.

³² De acordo com Ranke-Heinemann, na sociedade judaica o homem só cometia adultério se tivesse relação sexual com a esposa de outro. Para a mulher a relação com qualquer homem com exceção do marido era considerado adultério. Além disso, a relação sexual com uma mulher solteira não constituía adultério para o homem.

³³ *idem*, pp. 49-50.

³⁴ *ibid*, p. 134.

³⁵ PEDRIALI, J. A. *op. cit.*, p. 94.

³⁶ RICHARDS, J. **Sexo, Desvio e Danação**: as minorias na Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 34.

³⁷ RANKE-HEINEMANN, U. *op. cit.*, pp. 360-361.

³⁸ As expressões que estão em grego e em latim significam: Kyrie, eleison (Senhor, tende piedade de nós); Christe, eleison (Cristo, tende piedade de nós); Christe, audi nos (Cristo, ouvi-nos); Christe, exaudi nos (Cristo, atendei-nos); Pater de caelis Deus, Miserere nobis (Deus Pai do céu, tenha misericórdia de nós); Fili, Redemptor mundi, Deus, miserere nobis (Deus filho, Redentor do Mundo, tenha misericórdia de nós); Spiritus Sancte Deus, miserere nobis (Deus Espírito Santo, tenha misericórdia de nós); Sancta trinitas, unus Deus, miserere nobis (Trindade Santa, Deus único tenha misericórdia de nós); Refugium nostrum (Nosso Refúgio); Consolatrix nostra (Nossa Consoladora); Auxilium nostrum (Nosso auxílio). .

³⁹ PERROT, M. De Marianne a Lulu: as imagens da mulher. *In*: SANT'ANNA, D. B. (org). **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

⁴⁰ BLOCH, R. H. *op. cit.*, p. 238.

⁴¹ É importante ressaltar que apesar de controlarem a TFP os *Arautos do Evangelho* não se dissolveram como grupo e continuam atuantes.

⁴² Os congressos de correspondentes e simpatizantes eram encontros que aconteciam periodicamente em que palestras eram ministradas e realizadas orações. Nestes eventos participavam não somente membros da TFP, mas grande número de simpatizantes que não tinham vínculo formal com a instituição.